



## SEXUALIDADE E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: COMO ESSE TEMA É RETRATADO NA SÉRIE “*ATYPICAL*”

Thaciana Barreto de Paiva<sup>1</sup>  
Joseval dos Reis Miranda<sup>2</sup>

### RESUMO

O processo de ensino e aprendizagem tem uma grande importância na formação de aspectos sociais na vida de uma adolescente. Tratar sobre educação sexual e conseqüentemente sobre sexualidade na sala de aula é de grande importância nesse processo, visto que nesse período do desenvolvimento os adolescentes estão vivendo sua sexualidade da forma mais pura. Sendo assim falar sobre sexo deve deixar de ser um tabu. Na série *Atypical* este tema é um dos mais focados, pois a mesma retrata a vida de Sam, um adolescente que mesmo possuindo o Transtorno do Espectro Autista (TEA), passa por essa fase com as mesmas dúvidas, inseguranças e perguntas que um adolescente que não está dentro do espectro possui. Desta forma este trabalho teve como objetivo analisar como o tema sexualidade é tratado numa série a qual tem como personagem principal um adolescente que tem o TEA. O estudo aponta que a série analisada busca apresentar um cenário na qual ela se desenvolve muito comum na vida de uma pessoa com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e isso é mostrado de forma leve, a tentar quebrar os estigmas colocados na personalidade de uma pessoa autista, aqui em especial, quanto as questões da sexualidade da pessoa com TEA.

**Palavras-chave:** Educação sexual, sexualidade, autismo, transtorno do espectro autista.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho discutirá acerca da educação sexual e sexualidade abordada em uma série exibida online intitulada “*Atypical*”. Escrita por Robia Sara Rashid, a série aborda principalmente a vida de Sam, um garoto de 18 anos, autista que enfrenta o final da sua adolescência e começo da vida adulta como qualquer outra pessoa. Sam agora precisa escolher uma carreira a seguir, mas como muitos que acabam o ensino médio passa por uma crise de identidade sem saber qual curso universitário escolher. Além de sua família (pai, mãe e irmã), o elenco da série conta com seu até então amigo de trabalho Zahid e sua terapeuta Julia Sasaki. Tendo em vista isso, Sam participa de um grupo de jovens autistas que é liderado pela sua terapeuta, que um belo dia resolve incentivá-lo a procurar uma namorada e a partir daí Sam passa por várias situações que abordam sexualidade, criação de laços e autoconhecimento, podendo assim relaciona-las com questões que podem se encaixar no processo de educação sexual.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [thacianaapaiva2@gmail.com](mailto:thacianaapaiva2@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador, Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Metodologia da Educação, [josevalmiranda@yahoo.com.br](mailto:josevalmiranda@yahoo.com.br)



Diante da série citada acima, o objetivo deste trabalho pode ser descrito por analisar como o tema sexualidade é tratado numa série a qual tem como personagem principal um adolescente que tem o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para isso se faz necessário o acesso ao documento utilizado como base que está disponível *online* na plataforma de *streaming* Netflix, da mesma forma que deve ser feita uma pesquisa acerca de artigos, livros entre outros documentos para que seja criado um embasamento teórico diante do tema escolhido para este trabalho.

O presente estudo se baseia em uma pesquisa metodológica qualitativa (MINAYO, 2007), a qual se caracteriza por focar na interpretação diante do que foi proposto de forma subjetiva e flexível podendo assim mostrar a relação que pode existir entre estudos feitos previamente com materiais que são produzidos como conteúdo de lazer hoje, e assim analisar seu embasamento teórico. A partir do tema sugerido o artigo se organiza de forma que na primeira parte é feita uma descrição e caracterização dos temas a serem tratados, onde são descritos conceitos e leis que são aplicadas no processo de ensino e aprendizagem.

Na segunda parte é onde será desenvolvida a análise proposta, ou seja, algumas situações que podem ser encontradas nos episódios da série são comparadas e discutidas com situações, conceitos, e outros referenciais encontrados na literatura. Por fim serão feitas as considerações finais sobre o artigo e o processo de sua realização, apontando os pontos positivos e negativos deste tipo de atividade, qual a visão diante do que a série fala sobre o tema escolhido e quais contribuições podem ser feitas.

## **REFLEXÕES SOBRE OS TEMAS ABORDADOS**

Possibilitar o desenvolvimento cognitivo de seus alunos é um dever da escola, sendo ele indispensável para tornarem-se cidadãos mais críticos e responsáveis, e prepara-los para viver em sociedade. Deste modo, o objetivo da educação escolar pode ser considerado como sendo o ato de educar através da instrução (SOARES, 2007).

Está descrito no Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

Além do citado, o processo de educação deve ser composto por um conjunto de ações que garantam a participação de todos, deixando de lado classe social, gênero, orientação sexual, condições físicas e outras características do ser, caracterizando assim uma educação



que tem como ponto chave a inclusão dos alunos. Com isso é possível relacionar o processo de inclusão social com a Educação Especial, que tem como objetivo proporcionar um ensino de qualidade para alunos com deficiências físicas ou psíquicas e também alunos ditos superdotados. Desta forma a Educação Especial “aponta para a necessidade de se subverter a hegemonia de uma cultura escolar segregadora e para a possibilidade de se reinventar seus princípios e práticas escolares” (ROPOLI, *et al* 2010).

Ainda hoje vê-se a necessidade de enfatizar que independente de sua condição todos devem ter acesso a uma educação de qualidade, isso pode ser visto no documento da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e no Decreto N.6.571/2008. Um exemplo descrito no documento citado são os alunos com transtornos globais do desenvolvimento, citados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) como aqueles possuem dificuldade em desenvolver interações sociais recíprocas e na comunicação (MEC/SEESP, 2008; OPAS/OMS Brasil, 2017).

Diante dessas características se encaixam nesse grupo alunos que têm o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que é transtorno do neurodesenvolvimento e pode ser caracterizado pela prevalência de comportamentos repetitivos e dificuldades no desenvolvimento de interações sociais como as citadas acima (OPAS/OMS Brasil, 2017).

É de conhecimento da comunidade acadêmica que além do ensino dos conteúdos técnicos propriamente ditos é de grande importância a abordagem de temas de cunho social, podendo ser citado como exemplo a Educação Sexual, que quando trazida à tona no ambiente escolar é tida como tabu. Criada essa barreira entre o estudo da Educação Sexual e os alunos da Educação Básica, o conhecimento acerca desse tema se torna raso, que gira em torno de temas como gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em sua maioria abordada de forma a gerar medo nos alunos ao falar sobre esses assuntos. Entretanto, é possível enxergar que mesmo com tantas dificuldades ainda podemos encontrar professores que tentam trazer a educação sexual como algo importante e natural para a vida dos alunos.

É possível considerar esta afirmação a partir do que é citado pelo professor César Nunes. O mesmo ressalta a relevância da abordagem educativa da sexualidade como de grande importância no processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes (NUNES, 2005). Sexo está relacionado à relação sexual, já a sexualidade abrange além da relação sexual, o toque, o amor, a comunicação, além disso, ainda fazem parte da sexualidade o gênero, orientação sexual e identidade sexual, por exemplo, e acerca de tudo isso as regras



sociais e culturais impostas que podem moldar o comportamento sexual diante de diferentes realidades (FIGUEIRÓ, 2018).

De acordo com o que foi dito previamente, independente da condição do aluno também se faz necessária uma abordagem sobre a educação sexual, a qual deve sair da explicação somente de conceitos biológicos. A educação sexual deve tratar não somente disso, mas também pode levantar debates que possam modificar e assim ampliar a visão de mundo dos alunos assim como características emocionais, o contexto histórico e também a realidade sociocultural na qual o aluno está inserido, potencializando o processo de ensino e aprendizagem, desmitificando tabus e quebrando preconceitos (RIBEIRO, 1990).

É durante a adolescência que ocorrem as mudanças mais notáveis na vida de uma pessoa, sejam elas psicossociais ou físicas, e é neste mesmo momento que a sexualidade é expressa da sua maneira mais plena e a partir daí ela acompanha o ser durante toda sua vida, uma vez que o desenvolvimento e conhecimento da sexualidade é algo de nossa natureza (BASTOS, 2005).

O processo de amadurecimento e entendimento da puberdade, especificamente em pessoas dentro do espectro autista pode se manifestar de uma forma mais retardada, devido as condições que pessoas com o espectro vivem, sua dificuldade na comunicação e entendimento dos processos biológicos e sociais da vida. Muitos ainda acham que pessoas com deficiência não possuem sexualidade ou têm a mesma como algo inalcançável, sendo possível enxergar algo parecido quando comparamos com o dito por Serra (2010). A mesma afirma que os pais têm

A visão do autista como um ser puro e eternamente inocente conflita com a ideia do sexo como algo pecaminoso, resultando na negação da sexualidade dos filhos. Quando os autistas adolescentes e adultos se excitam, os pais se dizem horrorizados e chegam a pensar que seus filhos podem ter sofrido algum tipo de abuso, pois sozinhos não seriam capazes de agir dessa forma (SERRA, 2010, p. 53).

Outras características e estereótipos ainda são atribuídos às crianças e adolescentes quem tem o Transtorno do Espectro Autista (TEA), frases como, por exemplo, “quando convivemos com alguém do espectro, estamos vivendo com uma eterna criança” “ele era normal até os três anos de idade” são muito comuns, mas se forem analisadas as realidades das crianças em questão, são aquelas que em sua maioria vivem de forma reclusa, dado que os pais muitas vezes os limitam de um convívio social fora do âmbito familiar (MAIA; CAMOSSA, 2003).

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (2017) uma em cada 160 crianças tem o TEA, esse pode começar a se manifestar na infância e perdurar até a vida



adulta. Sendo considerado um espectro, existem níveis mais leves e outros mais elevados. Entende-se que as vezes a fase do desenvolvimento da sexualidade não é levada em consideração quando se fala de um adolescente com o TEA, mas mesmo estando dentro de um espectro essas crianças, possuem uma sexualidade com complexidade, digna de atenção, potencial, perguntas e respostas assim como todo e qualquer ser humano (AMARAL, 2009; MC CLENNEN, 1988).

## **ANALISANDO E REFLETINDO SOBRE A SEXUALIDADE ABORDADA NA SÉRIE “ATYPICAL”**

*Atypical* é uma série da Netflix que trata com uma mistura de drama e comédia a adolescência e o amadurecimento de Sam, um jovem apaixonado por pinguins que possui o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Assim como todos os jovens Sam possui perguntas, levantamentos e insegurança quando fala sobre sexualidade, mas a sua dedicação quando interessado por um assunto é tanta que ele se encontra decidido em viver essa fase que o qual ainda não entende muito bem.

Sam tem reuniões semanais com sua terapeuta e um grupo de outros adolescentes autistas, que faz parte do seu acompanhamento médico, e nessas reuniões a Dr. Julia constrói debates e faz levantamentos sobre diversos assuntos e sexualidade é um deles. Após uma de suas sessões de terapia, Sam decide seguir os conselhos a ele dados e resolve seguir na missão de encontrar uma namorada. Como todas as outras situações de sua adolescência ele faz questão em deixar claro para seus pais que está decidido disso, o que chama atenção para a relação que ele tem com seus familiares em casa. Sam não hesita na hora de continuar os diálogos que com ele são desenvolvidos, o que pode contrariar o que dizem sobre pessoas com deficiências mentais, assim como pessoas que tem o TEA, possuem uma grande dificuldade em se comunicar (MAIA e CAMOSSA, 2003; DORNELLES e DAL'IGNA, 2015).

Quando esses diálogos não são possíveis, se fazem necessárias outras estratégias para comunicação principalmente para conversas em torno do assunto sexualidade. A falta de informação assim como a propagação de informações equivocadas pode prejudicar o desenvolvimento daquele adolescente, o que pode afetar o estado psíquico e emocional do mesmo (LITTIG *et al.*, 2012).



Em uma das refeições quando a família está reunida na mesa, Sam cita a proposta que sua terapeuta lhe fez sobre procurar uma namorada seguida da frase “Ela me disse para sair mais e achar alguém para transar ” e logo em seguida da feição de espanto do pai ele continua “Eu que adicionei a parte sobre transar”. Seus pais começam a conversar sobre isso e se perguntar se seria algo saudável para um adolescente com autismo. E fica claro que não era esperado que o personagem falasse algo parecido com o que foi dito por Sam, e Nordahl-Hansen (2017) indica que ao mesmo tempo em que isso pode reforçar o estereótipo imposto pela mídia sobre pessoas com o TEA, que seriam pessoas que não tem conhecimento sobre sexualidade e que por serem consideradas com mentalidade limitada a de uma criança não teriam como aprender sobre esse assunto, abordar o TEA de forma coerente pode também ajudar na sensibilização dos espectadores sobre esta condição (NORDAHL-HANSEN, 2017).

Outro aspecto que pode ser observado ao longo da série é o fato de que o personagem muitas vezes se coloca como uma pessoa anormal, deixando claro isso em frases como “Sou esquisito. É o que todos dizem”. “Às vezes eu queria ser normal” o que pode fazer com que a pessoa queira ficar mais reclusa ainda, dificultando assim o processo de aprendizagem, desenvolvimento e socialização da pessoa com TEA.

Uma breve comparação pode ser feita com pessoas que não estão dentro do espectro, quando colocadas em situações na qual se sentem pressionadas já se sente dificuldade de se impor, presume-se que um adolescente com o TEA, que já possui dificuldades inatas, se sinta muito pior quando colocado em situações onde ele se encontra sob pressão. É importante saber que quando se cria uma relação com um adolescente ou adulto dentro do espectro, devemos dá-los seu espaço, deixá-los fazer suas próprias escolhas (VIEIRA e MAIA, 2015).

É possível enxergar isso na série quando a mãe de Sam tenta conversar com Julia, na dúvida de que o filho dela não teria a capacidade de criar laços e assim se relacionar afetivamente. Mas é aí que a terapeuta toca nesse assunto, que ela e o pai de Sam devem dar a ele a liberdade de viver essa fase sem restrições, passar por todos os processos mesmo que ele corra o risco de se arrepender ou de se machucar, pois viver a adolescência na sua essência seria de grande importância para o desenvolvimento e amadurecimento do seu filho e isso inclui passar por essas tensões afetivas e sexuais.

Durante a série Sam decide contar a Paige como se sente em relação a ela, e que adoraria ter um relacionamento com ela. A partir daí começam a surgir novas perguntas, mas também respostas para as questões anteriores que ele teria feito e ele só encontraria respostas passando por todas essas situações. Como qualquer outro relacionamento, cheio de altos e baixos várias dificuldades são tratadas na série, só de que forma mais simples e genuínas,



como o primeiro beijo, a “necessidade” de andar de mãos dadas e conversar ao telefone todos os dias, que são exemplos de coisas que Sam passa a não entender, mas que com o tempo e muito diálogo as coisas passam a fazer sentido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi possível observar na série *Atypical*, após uma breve comparação com a literatura, o cenário na qual ela se desenvolve é muito comum na vida de uma pessoa com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e isso é mostrado de forma leve, a tentar quebrar os estigmas colocados na personalidade de uma pessoa autista.

Falar sobre sexualidade ainda não é uma tarefa fácil no ambiente escolar, além de ser considerado um tabu, a falta de professores preparados para falar sobre esse tema é bem perceptível e se levarmos em consideração a presença de um aluno deficiente em sala de aula a abordagem desse tipo de conteúdo pode ser algumas vezes inexistente. Algo que é citado em muitas fontes é que é de extrema importância à quebra dos estereótipos colocados na pessoa com o TEA, o que pode ser visto não somente na série abordada, mas também em outras séries nas quais o protagonista possui o transtorno.

Mesmo não tendo dificuldades em encontrar referências a serem usadas no âmbito da criança/adolescente autista, trabalhos relacionados a estudos de abordagem da sexualidade no desenvolvimento dessas pessoas ainda podem ser considerados escassos, e além disso muitos dos estudos são feitos com os pais e não com os portadores do transtorno, o que pode ser enriquecedor, saber a visão que os mesmos tem sobre a sexualidade e como trata-la no processo de ensino e aprendizagem com a ajuda da educação sexual.



## REFERÊNCIAS

AMARAL, C. E. S. O reconhecimento dos pais sobre a sexualidade dos filhos adolescentes com autismo e sua relação com a coparentalidade. **Repositório Digital**. Porto Alegre, 2009.

BASTOS, O. M. **Entre o desejo e o medo de ver o filho adolescer: narrativas de pais de adolescentes com deficiência mental**. Tese de Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher - Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL. **Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em 12 de março de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. *Inclusão: revista da educação especial*, V. 4, N 1, Brasília: MEC/SEESP, 2008.

DORNELLES, P. G.; DAL'IGNA, M. C. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, V. 41, N. SPE, P. 1585-1599, 2015.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba; CRV, P. 22, 2018.

LITTIG, P. M. C. B.; CÁRDIA, D. R.; REIS, L. B.; FERRÃO, E. S. Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de adolescentes especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, V. 18, N. 3, P. 469-486, 2012.

MAIA, A. C. B.; CAMOSSA, D. A. Relatos de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto V. 12, N. 24, P. 205-214, 2002.

MCCLENNEN, S. Sexuality and students with mental retardation. **Teaching Exceptional Children**, V. 20, N. 4, P. 59-61, 1988.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.

NORDAHL-HANSEN, A. Atypical: a typical portrayal of autism? **Lancet psychiatry**, V. 4, N. 11, P. 837-838, 2017.

NUNES, C. A. *Desvendando a sexualidade*. 7 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – Brasil. Folha informativa: Transtorno do espectro autista. 2017 Disponível em <<https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>>. Acesso em 03 de março de 2020.





RIBEIRO, M. Educação sexual. **Além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

ROPOLI, E. A.; MANTOAN, M. T. E.; SANTOS, M. T. C. T.; MACHADO, R. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. A escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010.

SERRA, D. Autismo, família e inclusão. **Polêmica**, V. 9, N. 1, P. 40-56, 2010.

SOARES, J. F. Melhoria do desempenho cognitivo dos alunos do ensino fundamental. **Cadernos de pesquisa**, V. 37, N. 130, P. 135-160, 2007.

VIEIRA, A. C.; MAIA, A. C. B. **Síndrome de Asperger na adolescência e educação sexual**: análise do relato de um pai. Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.